



Uma das fotos que ilustram o encarte do disco xavante

Etenhiritipá: tradição xavante agora em CD

EM 31 CANTOS, 600 ÍNDIOS REGISTRAM SUA CULTURA

Ao deparar com o CD "Etenhiritipá - Cantos da Tradição Xavante", numa prateleira de sua loja preferida de discos, atenção: este é o primeiro trabalho fonográfico profissional gravado a partir da vontade de uma comunidade indígena brasileira, com total acompanhamento de índios no processo de realização do disco e garantia de direitos autorais.

Lançado pelo selo independente mineiro Quilombo Música e distribuído pela Warner Music do Brasil, o disco é a consolidação de anos de trabalho do Núcleo de Cultura Indígena, uma entidade que, apesar de ter sede em São Paulo, há anos vem assessorando comunidades indígenas na manutenção de suas culturas, entre elas a aldeia xavante de Pimentel Barbosa, localizada aos pés da Serra do Roncador, no Mato Grosso. Auxiliando no registro fonográfico de cantos, rituais e outras manifestações, o núcleo faz ao mesmo tempo um trabalho de divulgação e controle - seja pelos direitos autorais, seja pela preocupação com a deturpação da arte indígena - dos trabalhos produzidos por diversos artistas e autores a partir da matéria extraída da cultura indígena.

Assim foi em 1991, quando o núcleo assessorou Milton Nascimento na realização do álbum "Txai", que previa a inclusão de sonoridades indígenas em algumas de suas faixas. Além de ajudar a definir as músicas da cultura xavante que entrariam nas faixas especiais do disco, o núcleo acompanhou ainda as gravações em campo, a edição do material coletado e a redação dos textos dos encartes, fazendo com que, ao final de todo o trabalho, "Txai" fosse a primeira experiência de registro legal das músicas de uma comunidade indígena brasileira com total garantia dos direitos autorais a seus integrantes.

Foi dessa mesma maneira que o grupo mineiro de thrash-metal Sepultura realizou gravações para o seu novo álbum, "Roots", que tem lançamento mundial em fevereiro próximo. "Tivemos que pagar um cachê", explica o baixista Paulo Júnior. "Gravamos alguns rituais, entre eles a Dança dos Padrinhos, onde inserimos um violão acústico".

Lançado em setembro do ano passado, em dois eventos realizados no Museu da Imagem e do Som de São Paulo e no Circo Voador, no Rio de Janeiro - com a participação de representantes da comunidade xavante de Pimentel Barbosa e exibição de um videoclipe gravado na aldeia - "Etenhiritipá" surge para provar a maturação do processo de decisão e controle das comunidades indígenas em relação aos elementos de sua arte tradicional.

As gravações do disco foram realizadas na própria aldeia de Pimentel Barbosa, nas proximidades do Rio das Mortes, com o auxílio do operador de som Evandro Lopes - o mesmo da gravação de "Txai" - e da produtora Angela Maria Pappiani. No pátio central da tribo, todos os habitantes, cerca de 600, entoaram cânticos da tradição xavante - que, segundo a cultura, são entregues pelos ancestrais aos guerreiros em sonhos - enquanto as gravações eram feitas num gravador de 8 entradas e uma mesa de 16 canais movidos a bateria.

Mixado nos estúdios da Quilombo Música, em Belo Horizonte, com a participação de três jovens líderes da aldeia, Paulo, Cipassé e Tzuptó, o disco traz 31 cantos xavantes. Entre eles estão registradas cerimônias como a de furação de orelha - que marca a passagem para a vida adulta - e os cantos da corrida de tora de buriti, na qual os atletas se revezam num percurso de mais de 10 quilômetros.